

CHARGE: ESTÍMULOS PROVOCATIVOS DA IMAGEM

Nilce Helena da Mota¹

RESUMO: O presente artigo apresenta a análise de imagens enfocando a charge e a estampa para a prática leitora, bem como suas possibilidades de interação humorística/crítica, ainda, pouco empregada para (re)formular o discurso político em sala de aula. Objetivando lapidar e refinar os diversos efeitos de sentido e as possibilidades interpretativas dos acontecimentos sociais no transcurso de suas vidas. A proposta está delimitada em relação ao arcabouço da A. D. da linha francesa para conceituar os efeitos de sentido, como caracterizante da discursividade, integrando também o conceito dos efeitos de sentido, característicos da Análise do Silêncio, visto que a charge e a estampa agregam alternâncias entre a imagem e o silêncio.

Palavras-Chave: Charge - Análise do Discurso - Análise do Silêncio - Interdiscursividade - Intertextualidade

ABSTRACT: *The present article presents the analysis of images tackling the cartoon and the printshop for the practical reader, as well as his means of humorous / critical, still interaction, little employed for (criminal) to formulate the political speech in classroom. Aiming to cut and to refine several effects of sense and the interpretative means of the social events in the course of his lives. The proposal will be delimited regarding the outline of A. D. of the French line to conceptualize the effects of sense, like caracterizante of the discursividade, when there is integrating also the concept of the effects of sense, characteristic of the Analysis of the Silence, visa that the cartoon and the printshop collect crop rotations between the image and the silence.*

Key Words: *Cartoon - Analysis of the Speech - Analysis of the Silence - Interdiscursivity - Intertextuality*

¹Graduada em Letras pela Universidade do Vale do Paraíba - UNIVAP, São José dos Campos, São Paulo; Pós-Graduada em Língua Portuguesa - Leitura e Produção de Textos pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, São Paulo. nilcehlmt@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O ser humano é um ser provocador e faz uso de inúmeras ferramentas provocativas, dentre elas cito a imagem, e neste caso a charge, bem como essa prática leitora e suas possibilidades de interação humorística/crítica, ainda, é pouco empregada para (re)formular o discurso político em sala de aula.

Assim, no presente artigo é abordada a leitura da charge como figura de interação para fornecer subsídios críticos na constituição do sujeito aluno-leitor, pois a charge estabelece um vínculo com a vida diária do alunado, e por ser veiculada em vários segmentos de fácil acesso como mídias sócias, revistas, jornais etc., possibilita e elenca interpelações de cunho histórico, ideológico e social, visando sensibilizá-los do conjunto de problemas que enfrentamos cotidianamente, objetivando lapidar e refinar os diversos efeitos de sentido e as possibilidades interpretativas dos acontecimentos sociais no transcurso de suas vidas.

Ao propor a análise da charge como identificador de um fenômeno social, é crucial enunciar que tal leitura não é autossuficiente, visto seu caráter constitutivo subjetivo no tempo e espaço onde a imagem da charge é expandida em um universo próprio e referenda um mundo externo, o ponto de vista do chargista em menção a algum fato decorrido.

Para conceituar os efeitos de sentido, como caracterizante da discursividade, é delimitado o estudo no arcabouço da Análise do Discurso da linha francesa. A AD francesa prioriza que o discurso é ocasionado num contexto histórico, social e ideológico, onde o sujeito se constrói heterogeneamente e são instaurados alteridades no decorrer de sua maturidade.

Interrogar-se sobre a existência de um real próprio às disciplinas de interpretação é supor que - entendendo-se o "real" em vários sentidos - possa existir um outro tipo de real diferente dos que acabam de ser evocados, e também um outro tipo de saber, que não se reduz à ordem das "coisas-a-saber", ou a um tecido de tais coisas. Logo: um real constitutivamente estranho à univocidade lógica, e um saber que não se transmite, não se aprende, não se ensina, e que, no entanto, existe produzindo efeitos. (PÉCHEUX, 1990, p. 45)

É inevitável, neste caso, conceber a leitura de uma charge como um elemento constituinte para uma apreciação na forma de diálogo, onde o chargista propõe perguntas e as responde, ou reproduz um sentimento ou diálogo entre os protagonistas evidenciados na charge (com ou sem legenda) evidenciando um tema ou um

acontecimento atual, e que comporta em si críticas por meio caricatural. Este referencial é relevante para que o enunciado produza sentido ao leitor.

1. FUNDAMENTAÇÃO

1.1 Perspectiva Leitora da Imagem

Neste artigo objetiva-se à formação leitora do alunado mediante a análise das charges, posto que a imagem e a palavra, como uma amálgama, completam-se, modificam-se e se justificam.

Segundo Laje (1987, p. 7), “[...] uma imagem pode conter informação que não cabe em mil palavras e uma palavra pode resumir o conhecimento de mil imagens”. Fundamentando a partir dessa proposição de que o mundo globalizado está focado na leitura de imagens associada às mídias, entre elas: a imprensa, o cinema, a televisão, a fotografia, as estamparias nas confecções e aos computadores, entre outras, à medida que estamos imersos numa sociedade em que a exterioridade é predominante. À frente deste indício, é inevitável que a imagem tenha uma atribuição de similar importância na esfera escolar para que este recinto aprendente desenvolva habilidades leitoras do aluno, mais coerente com o mundo em que ele está inserido, bem como para prepará-lo para a leitura crítica das imagens.

Consequentemente enquanto uma leitura de texto utilizando a linguagem verbal demanda uma desenvoltura leitora para que se componha o sentido, a leitura das imagens exigirá uma intrincada competência leitora, como propõe Eisner (2001, p. 10) – “A transição final exige que o leitor rompa com as convenções da sequência da esquerda para a direita. [...] Esse salto é exclusivo da narrativa visual. O leitor tem de fazer uso implícito de um conhecimento”.

No decorrer de uma leitura de um texto escrito, o leitor ativa funções cognitivas para conceber imagens mentais, em conformidade com sua galeria experienciada. Essa composição mental é particularizada nos indivíduos, entretanto tem alguma coisa em comum que integra o imaginário coletivo. Cada ser humano estabelece cenários, semblantes e instrumentos a partir da leitura das palavras alicerçadas na sua imaginação. Neste processo de concepção, há um manancial formador e que diz respeito à coletividade e à história, mas ninguém constitui essa imagem de forma semelhante aos outros. Esta estruturação é significativa para ampliar as funções distintas da mente.

Como estabelece Eisner (2001, p. 138), pode-se esperar dos leitores modernos uma compreensão fácil da mistura imagem-palavra e da tradicional decodificação de texto.

Tendo como base este introito, a leitura da imagem oportuniza este aspecto, todavia sob esta conotação perceptível, há outras visceralmente conectadas ao mundo dos conceitos, das ideologias, das crenças e dos comportamentos, que é indispensável “ler”: assimilar, conceber, produzir sentido, concordar ou contestar. Para tal, o leitor impreterivelmente carece de observar atenciosamente e recorrer de sua memória para considerar o que está implícito, bem como o pressuposto, perscrutar sua referência espacial junto ao sentido da dimensão da imagem, vinculando o pensamento lógico e criativo.

Essa sucessão de informações é que nos permite distinguir como os fundamentos da linguagem visual foram sistematizados: cenários, cores, luzes, sombras, perspectivas, contrastes, linhas, paisagens, formas, texturas, efeitos especiais, figuras, etc., pontos de vista num contexto histórico e ideológico do chargista, e bem como eminentes resistências operantes pelo leitor, e compreender como esses elementos operam em combinação na produção do sentido do sujeito leitor, exercendo interação ativa com as demais informações, conceitos considerados e acumulados pela sua experimentação na vida, por meio da cultura assimilada e coletiva. É um movimento que eventualmente o leitor pode ser convergido através da emoção e/ou pela crítica. Em síntese, a leitura de uma imagem é concomitantemente intelectual e emocional.

As imagens sem palavras, [...], na verdade exigem certo refinamento por parte do leitor. A experiência comum e um histórico de observação são necessários para interpretar os sentimentos mais profundos do leitor. (EISNER, 2001, p. 24).

Com o intuito de que a leitura de imagem seja capaz de cooperar para que a produção do sentido seja construída, o discernimento do leitor tem necessidade de estar em conformidade, isto é, torna-se basilar reagir aos estímulos provocativos da imagem. A criatividade e a sensibilidade mental neste processo leitor são otimizadas, pois a imagem é questionadora, e neste processo de interpelar o leitor delineia múltiplas respostas nesta atividade discursiva.

1.2 A Criticidade do Humor como Produtor de Sentido

Na construção do sentido, o humor inserido nas charges propicia a lapidação de ideias e a expansão da percepção do leitor no desdobramento de uma visão crítica,

descortinando as adversidades sociais, políticas, raciais, culturais, étnicos, as ocorrências estereotipadas e as deficiências da coexistência humana, através da ironia, da sátira e/ou escarnecendo por intermédio dos exageros. O leitor observa e absorve a lógica subvertida deslocando-se entre os limiares do óbvio (implícito X explícito).

O emprego do humor pelo chargista viabiliza a produção de sentido, pois, com efeito, aciona um gatilho provocador. A charge por meio de imagens (com ou sem palavras de impacto) permite ao leitor um diálogo textual, sujeitando-o ao conhecimento prévio com o intuito de que o discernimento contextual se instaure. A sagacidade humorística pode ou não ser consequência do efeito de sentido produzido, uma vez que por trás do humor há uma ambiguidade intencional.

Quando se trata de uma charge, isso se torna menos óbvio, pois o interlocutor tem de ler a imagem, e também carece de intuir o texto, perpetrando inferências para elucidar a ideia implícita, suscitando assim a construção do sentido humorístico.

O humor é substancialmente relevante na cultura de uma sociedade, em razão de que faz parte do cotidiano do ser humano, e é conjuntamente exercido como um meio de manifestar uma crítica social.

A coletividade humana experiencia o drama e a comicidade no seu dia a dia, e o chargista estabelece ganchos utilizando a imagem para ironizar esta tragicomédia entremeada na sordidez social através da ambivalência que o humor propicia.

O chargista dispõe desta habilidade do homem de fazer associações para gerar os efeitos de sentido possíveis e inesperados, pois para que haja uma assimilação plena é essencial o conhecimento prévio do leitor, visto que sem o conhecimento de mundo, a criticidade e/ou a comicidade não ocorre.

O humor crítico constituído nas charges exhibe ocorrências ou fatos do cotidiano, oportunizando momentos de reflexão e de divertimento, por intermédio destas leituras pode-se considerar os hábitos cotidianos de uma sociedade, em suma, analisar o efeito de sentido ocasionado em cada ato discursivo, integrado a sua historicidade.

1.3 O Humor na Produção de Sentido

Considerando o vocábulo humor e sua diversidade, podemos dizer que, apesar de aparentemente ser regional e temporal, na realidade ele é universal e atemporal, bem como se metamorfosea através do tempo e do espaço escoltando a história da humanidade, como assegura Comte-Sponville, 1999, “O humor é uma desilusão alegre.

É nisso que é duplamente virtuoso, ou pode sê-lo: como desilusão, tem a ver com a lucidez (portanto da boa-fé); como alegria, tem a ver com o amor, e com tudo”.

Por conseguinte, o humor é uma conjectura racional, ele se manifesta, mas não se pode definir. No que se refere ao humor, podemos alegar que o ser humano é incomparável, e na sua singularidade ri e ri de si mesmo. O riso tem uma peculiaridade revolucionária, pois provoca um estado de inquietude nas instituições. O humor e seu efeito, o riso, são, conseqüentemente, marcas de um fenômeno humano, originário no indivíduo e/ou de um grupo.

O chargista apossasse do humor intrínseco ao ser humano e o dispõe, suscitando episódios do cotidiano com o intento de instigar o leitor a ponderar humoristicamente a respeito de uma especificidade que expõe uma crítica peculiar a uma situação definida e/ou pessoa pública e até mesmo a um infortúnio, em razão de que este também influencia a argumentação das reflexões humorísticas.

A charge não dever ser considerada como apolítica, mesmo porque ela é uma das ferramentas de resistência em oposição às injustiças, de um modo não linear, opera também denunciando às situações do dia-a-dia de forma não padronizada. O objeto do chargista não é a política em si e, tampouco o poder inerente dela, mas sim o atributo que os simboliza. A charge pode ser concebida como uma deferência quando é instituída pela dissimulação de um embuste. Ao analisar o discurso na charge, verificamos que, o que o sinaliza cômico é pontualmente a mediocrização irônica.

2. METODOLOGIA

Para este artigo a metodologia embasada em pesquisas bibliográficas, assim sendo, caracterizar-se-á como uma pesquisa teórica, de caráter bibliográfico e interpretativo, configurando-se num processo de reflexão docente, visando propiciar ao docente elevar seu discente a uma abordagem dos acontecimentos atuais e de se identificarem com a realidade através das charges analisadas, bem como para o docente conceituá-las e/ou categorizá-las junto ao alunado, possibilitando desta forma outras leituras de mundo, pois inferimos e argumentamos a partir da prática leitora.

Baseados nesta proposta metodológica, recorreremos a charges que abordam fatos do cotidiano na política brasileira, numa perspectiva de conscientização e crítica, perscrutando desta feita como é formado o pensamento crítico do alunado, através deste olhar crítico dos chargistas.

O trabalho teórico é norteado pela leitura reflexiva, ativação de conhecimentos prévios, percepção e referências sobre as charges analisadas. A abordagem interpretativa baseia-se na hermenêutica e na fenomenologia, visando à abrangência do efeito de sentidos a partir das referências fornecidas pelas charges estudadas e dos significados atribuídos às leituras pelo alunado, assumindo que a realidade é subjetiva e socialmente construída.

3. RESULTADO E DISCUSSÃO

Figura 2 - Judô - tarja verde/amarela X tarja preta



<http://www.humorpholitico.com.br/governo-dilma-2/judocas/>, acesso em 09/08/2016.

Figura 3 - Chama Olímpica no Rio de Janeiro X Chama Não Olímpica no Rio Grande do Norte



<http://www.humorpholitico.com.br/olimpiadas-rio-2016/chamas/>, acesso em 09/08/2016.

Para elucidar, nessas charges elencadas acima, faz-se necessário que o docente exercite a prática interpretativa com o alunado e não meramente o que ele já sabe, mas conjuntamente com os pressupostos, que é a universalidade daquilo que está implícito e explícito dentro da imagem, ou seja, um panorama social, ideológico e histórico da sociedade em que estão inseridos. O interessante aqui é evidenciar que o "provocativo", muitas vezes é o pressuposto, ou seja, aquilo que não está evidente, e conhecê-lo nos

ampara em alcançar uma melhor concepção do que cremos ser a elaboração de sentido do chargista.

Dentre os inúmeros motivos que a charge é uma leitura atrativa, a ironia encabeça sua construção e nos surpreende como constituinte numa metodologia discursiva em observância à diversidade linguística, desde a oralidade, enriquecendo todo o processo comunicativo. O dispositivo irônico segundo Brait (1996), é de uma sagacidade, em virtude da ação ironizada e que inclui conjecturar a intervenção do outro para que a envergadura da ironia tenha significância e o humor seja inferido.

Ainda convém lembrar que a contextualização irônica advém uma convivência entre leitor e o chargista, de tal modo que o leitor assume como fato, como se o chargista traduzisse um anseio coletivo ironizando uma pessoa pública através de caricatura, ou mesmo caricaturando uma situação complexa.

Figura 4 - Novas Regras



<http://www.tribunadainternet.com.br/supremo-da-10-dias-para-temer-e-camara-explicarem-reforma-da-previdencia/>. Acesso em 20/04/2017

Nesse sentido, Brait afirma que:

O produtor de ironia encontra formas de chamar a atenção do enunciatário para o discurso, e através desse procedimento, contar com sua adesão. Sem isso a ironia não se realiza. O conteúdo, portanto, estará subjetivamente assinalado por valores atribuídos pelo enunciador, mas apresentados de forma a exigir a participação do enunciatário. (BRAIT, 1996, P. 129)

Nesta perspectiva eclodi a discursividade irônica, em função das medidas governamentais. Levando-se em consideração esses aspectos citados, pode-se dizer que a ironia é a ambiguidade que envolve toda essa intervenção, bem como por possuir vários sentidos implícitos, o que torna a(s) interpretação(ões) possível(veis), e suscitando muitas vezes o humor.

O objetivo do chargista é ironizar, é desdenhar valores que foram deturpados, é delatar problemas e ocorrências no âmbito cultural, social e histórico. Os autores das charges indicam a exterioridade negativa e vergonhosa em relação à sociedade e, através de críticas e/ou denúncias, revelam a particularidade política brasileira, como veremos na estampa abaixo.

Figura 5 - Fora Temer (título silenciado no apagamento das letras que o compõe)



<http://www.humorpholitico.com.br/olimpiadas-rio-2016/justica-proibe-proibicao-do-fora-temer-nas-olimpiadas/>, acesso em 09/08/2016.

Para integralizar a propositura vale ressaltar que para a sugestão leitora das charges apresentou-se o conceito dos efeitos de sentido, caracterizantes da discursividade no arcabouço da Análise do Discurso da linha francesa e para a estampa o enfoque considerou também a Análise do Silêncio e que agrega alternâncias entre a imagem e o silêncio.

3.1 Análises do Silêncio

Para elucidar, farei uma pequena inserção sobre o silêncio. A análise do silêncio foi instaurada na segunda metade do século XX, e está correferido à metafísica, neste aspecto o silêncio conquista espaço no que tange aos estudos emparelhados à linguagem unidos ao discurso. À vista disto dispomos de uma alternância, isto é, uma alteridade característica entre imagem e silêncio. Essa sobreposição recíproca no interior das instâncias é descrita por Villarta-Neder em duas categorias básicas:

- (1) um "excesso do dizer", sob a forma de uma necessidade de reafirmar um sentido pode ser interpretado como um silenciamento de um espaço polissêmico que emerge e incomoda o sujeito, obrigando-o a tentar evitar outros sentidos. E a existência de marcas que indiquem um abandono da tentativa de estabelecer um sentido apontaria (2) um silêncio "não-dizer" sobre esses sentidos escorregadios e/ou inconvenientes. (VILLARTA-NEDER, 2004a, p. 172)

Segundo Villarta-Neder (2004), o silêncio é entendido como processo interdiscursivo que, numa conjuntura sociossemiótica, a partir do movimento dos sentidos produzidos pela alteridade entre já-dito e não-dito, instaura, para as diferentes posições que constituem tal conjuntura no interior de suas condições de produção, uma relação dialógica entre ausência e presença. Neste contexto, cabe ponderar a respeito da eficiência do silêncio na composição dos sentidos, provocando efeitos de sentido em conformidade com sua interação na produção dos discursos. Tendo em vista que o silêncio alterna com o dizer na construção do discurso entrelaçando memórias, e é por meio dos esquecimentos e das lembranças que se dará o movimento provocador do interdiscurso.

As intervenções do docente, junto ao discente, ao analisar charges de temas relacionados à materialidade do dia-a-dia do educando, e neste caso tendo como objeto de estudo charges relacionadas aos entraves da política pública, podem vir sobremaneira a modificar os olhares, de ambos os envolvidos (professor e aluno), em relação a esta visão (do chargista) que não se atém ao fenômeno, outrossim, adentra a concretude de nosso cotidiano, e essa transformação social facilitada pela análise das charges e alicerçada pelo conhecimento prévio despertado pelo docente poderá intervir na aprendizagem em assuntos que, usualmente, são relevados a um segundo plano pelos jovens, podendo *a posteriori* engatilhar uma nova postura ética, onde eles revejam suas posições e exercitem sua cidadania de forma consciente.

A prática leitora das charges tem como objetivo a sintetização informativa elencada à leitura das imagens e da escritura do pensamento do chargista (que por vezes referenda a voz da população), e leva o aluno leitor a atualizar conhecimentos por meio da leveza que o humor propicia, mesmo que seja de um assunto que gere incômodo, o efeito de sentido construído, e a crítica inerente leva-nos à reflexão, eleva-nos em debater política, economia, dentre outros aspectos de nossa sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste artigo é provocar mudanças perceptíveis no emprego das imagens como gatilho leitor divertido e contagiante para o alunado. O emprego da charge, bem como outras imagens nas diversas mídias no âmbito escolar, é convidativo,

é estimulante, é sedutor, pois vem atrelada a uma história que entremeia a sociedade, bem como seu acesso não encontra barreiras social, econômica e etária.

A escola como espaço aprendente carece de evidenciar mais o aporte que estas imagens podem dar, visto que operam sobre os alunos a possibilidade de formar opiniões mediante as temáticas atuais e polêmicas manifestas. Desta forma, ler, interagir e intuir com o discurso possibilitado pelas imagens é uma das iminentes condições para a integração do aluno leitor na sociedade, assim como na história de seu tempo, levando-o a se posicionar de forma crítica e argumentativa perante a vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAIT, Beth. **Ironia em perspectiva polifônica**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno Tratado das Grandes Virtudes**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.

EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 3ª Edição, 2001.

LAJE, N. **Estrutura da Notícia**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

PÊCHEUX, Michel & FUCHS, Catherine. **A propósito da Análise Automática do discurso: atualização e perspectivas**. In: GADET, Françoise & HAK, Tony. (orgs.) **Por uma análise automática do Discurso. Uma introdução à Obra de Michel Pêcheux**. Campinas. SP: Editora da Unicamp, 1990.